



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

Volume 20, janeiro a junho de 2008

OFICINAS ECOPEDAGÓGICAS: TRANSFORMANDO AS PRÁTICAS EDUCATIVAS DIÁRIAS NOS ANOS INICIAIS

Luciana Barbosa da Silva Vega¹
Sirlei Nádia Schirmer²

RESUMO

O presente artigo objetiva problematizar a inserção diária da temática Educação Ambiental nas práticas educativas de sala de aula nos Anos Iniciais, especificamente, no 1º Ano do Ensino Fundamental, utilizando-se das Oficinas Pedagógicas como instrumento de ação-reflexão-ação, no processo de construção do conhecimento integral e integrado do educando. Esse estudo relata a experiência no contexto do Estágio III - Pedagogia /sala de aula/cotidiano, abordando metodologias que possibilitaram a implantação de propostas e atividades, de fundamentos teóricos, assim como, alguns resultados alcançados no desenvolvimento das dinâmicas relacionadas com o tema Educação Ambiental, que despertaram a criatividade, o prazer, a autonomia e a mobilização dos educandos, constituindo o aprender significativo - individual e coletivo - na transformação de realidades.

Palavras – chave: educação ambiental – oficinas pedagógicas – relato da experiência.

¹ Licenciada em Pedagogia Anos Iniciais – Fundação Universidade Federal do Rio Grande - FURG, Aluna Especial do Mestrado em Educação Ambiental/MEA do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA/FURG– CEP 96201-900 – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil - vegaluciana@hotmail.com.

² Licenciada em Pedagogia-Habilitação Magistério- Fundação Universidade do Rio Grande- FURG, Mestrado em Educação –PUC/POA, professora do Ensino Estadual –Sala de Recursos e Tutora da UAB/FURG- CEP 96201-900 – Rio Grande – Rio Grande do Sul – Brasil - snschirmer@vetorial.net.

ABSTRACT

The present paper intends to problematize the daily insertion of the theme Environmental Education in the educational practices of classroom in the Initial Years, specifically, in the 1st Year of the Fundamental Teaching, using Pedagogic Workshops as an action-reflection-action instrument, in the process of construction of the student's integral and integrated knowledge. This study reports the experience in the context Apprenticeship III – Pedagogy/ classroom / everyday, approaching methodologies that made possible the implantation of proposals and activities, of theoretical foundations, as well as, some results reached in the development of the dynamics related with the theme Environmental Education, that you/they woke up the creativity, the pleasure, the autonomy and the students' mobilization, constituting significant learning - individual and collective - in the transformation of realities.

Keywords: environmental education - pedagogic workshops - reporting experience.

INSERINDO OFICINAS ECOPEDAGÓGICAS NO CONTEXTO ESCOLAR E NAS PRÁTICAS EDUCATIVAS

Primeiras Considerações

No dia-a-dia escolar, ao observar e analisar, os diversos segmentos que englobam tal contexto: a equipe diretiva, professores, funcionários, alunos, pais e a comunidade em geral, percebemos a importância de tornar pensamentos e reflexões em ações efetivas, contribuindo para construções educacionais coletivas, transformando realidades e mobilizando permanentemente a comunidade escolar e a sociedade.

Ao mesclar Educação Ambiental e as atividades lúdicas das oficinas pedagógicas, nas práticas diárias de sala de aula, construímos ações que refletem as buscas de respostas, e primordialmente, de questionamentos sobre o tema referido, configurando as múltiplas relações entre educação/ indivíduo/coletivo/ transformação.

Com a proposta de utilizar as oficinas Ecopedagógicas, possibilitado aos alunos o expressar de novos entendimentos nas percepções e elaborações, dentro e fora da sala de aula, e, portanto, no promover do envolvimento que permeia o processo de ensino–aprendizagem, verificamos a essencialidade de compor nossas ações como educadoras, conscientes do papel que exercemos, norteando tal função ao equilíbrio entre respeitar as construções do educando, construir juntamente com esse, sendo ponte na relação de descobertas individuais e coletivas.

O que torna o proposto como possibilidade na prática educativa é exatamente conhecer, pesquisar e observar, através das dinâmicas inseridas no cotidiano escolar, sendo esses, subsídios para que nas relações aluno-professor, se estabeleça o ensinar e o desvelar de novos caminhos, alternativas e visões. Nestas construções pessoais e do grupo, convivemos

com trocas significativas, com a diversidade, com anseios e descobertas, e em muitas delas, somos todos protagonistas, defendendo-as e nos aproximando de forma sensivelmente concreta.

Criamos elos verdadeiros quanto a educar e aprender, estando lado a lado nessa trajetória, pulsante de mudanças, transformações, solidariedade e compromisso com o humanizar. E a sala de aula, como local de encontro, do pensar e agir, deve ser composta por educadores comprometidos com a liberdade e emancipação daqueles que às buscam; o que comprovadamente, ao trabalhar com os educandos, se oportuniza, de maneira vibrante, em atividades prazerosas, sob diversas ênfases: como o lúdico, as diferentes leituras de mundo, as trocas no grande grupo, ao participar efetivamente, sendo sujeito agente dessas canalizações entre o espaço-aula e o espaço-diário, e integrando-se a uma proposta pedagógica voltada a realidade dos discentes, de seus interesses, expectativas, idéias, descobertas e sonhos...

O construir de um diferencial que contemple o compromisso diário com nossa formação profissional, com os alunos e suas trajetórias, e principalmente com o papel de transformadores sociais é verificado através do dia-a-dia na sala de aula, pela diversidade e multiplicidade que integra o ambiente escolar ao qual estamos inseridos, por nossa pesquisa e ação educativa, percebendo um processo complexo, norteado por lutas, valorização da história de cada aluno, dos profissionais de educação, mobilizando pensamentos, constituindo modificações na vida de todos integrantes dos diferentes segmentos escolares, assim como, da comunidade em que fazemos parte.

Promover conjuntamente o tema Educação ambiental e as oficinas pedagógicas, nas práticas educativas do Estágio III, em uma turma de 1º Ano do Ensino Fundamental, foi instigante, desafiador, como apresentaremos no transcorrer do artigo, demonstrando que devemos respeitar e valorizar cada construção, cada ritmo, de cada aluno, que todos somos agentes de mudanças, e que essa descoberta perfaz uma jornada permanente na vida dos educandos e também dos educadores, começando nas práticas cotidianas de sala de aula, transpondo-as, e concretizando-se na transformação das realidades.

CONHECENDO UM POUCO MAIS DAS OFICINAS ECOPEDAGÓGICAS

Oficinas pedagógicas são espaços de construção do conhecimento nas práticas educativas, que promovem o investigar, o agir, conciliando o trabalho individual e coletivo, mesclando teoria e a prática, como instrumentos de aprendizagem, ao trabalhar de maneira prazerosa, socializando e integrando as idéias, a criatividade e autonomia que surgem dessas

atividades, afirmando novas alternativas para as propostas educacionais diárias na sala de aula.

Como uma metodologia de trabalho em grupo, com a característica pela *construção coletiva de um saber, de análise da realidade, de confrontação e intercâmbio de experiências* (CANDAU, 1999), em que o saber não se constitui apenas no resultado final do processo de aprendizagem, mas também no processo de construção do conhecimento, as oficinas pedagógicas possibilitam o analisar, confrontar as experiências com as trocas contextualizadas do cotidiano. Esse processo educativo composto de sensibilização, reflexão/ação:

... concebe o homem como ser capaz de assumir-se como sujeito de sua história e da História ,... agente de transformação de si e do mundo...como fonte de criação, liberdade e construção dos projetos pessoais e sociais, por uma prática crítica, criativa e participativa (GRACIANI, 1997, p.310).

De acordo com as propostas, educadores e educandos formam uma equipe que cria, interage na produção do conhecimento, e segundo Freire:

... Aprender é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a lição dada. Aprender para nós é construir, reconstruir, constatar para mudar, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito (1998, p.77).

Assim ao trabalhar com as oficinas Ecopedagógicas é essencial:

... “ler e interpretar” um mundo complexo e em constante transformação... perceber a formação de um sujeito capaz de ler o seu ambiente e interpretar as relações, os conflitos e problemas aí presente...ponto de partida para o exercício de uma cidadania ambiental.(CARVALHO, 2004, p.75).

Portanto o presente estudo objetivou realizar as inserções necessárias, com novas roupagens, ferramentas e dinâmicas para o desenvolvimento integral e integrado do educando no contexto do ambiente/aula, e no próprio cotidiano; trabalhando com diferentes enfoques sobre a temática Educação Ambiental, sendo a mesma, pontual e próxima do dia-a-dia e da realidade do educando. Buscamos a partir dessas análises socializar as opiniões, respeitando-as e valorizando-as no grande grupo; interpretando as diversas leituras apresentadas por cada aluno, utilizando-as para a construção de novos entendimentos; promovendo um aprender significativo e transformador.

CONCEPÇÕES E FUNDAMENTAÇÕES TEÓRICO/METODOLÓGICAS: PERCORRENDO CAMINHOS, TRANSFORMANDO REALIDADES

Com o intuito de analisar/problematizar o processo cotidiano da educação no ambiente escolar, ou seja, de maneira específica, na sala de aula, conjuntamente, as posturas assumidas pelos sujeitos focais que estruturam tal proposta, considerando as teorias e práticas, assim como, as atividades que instrumentalizaram as oficinas ecopedagógicas, contextualizadas a temática Educação Ambiental, verificamos a importância do lúdico nessas dinâmicas, como também, os fundamentos teóricos, no dialogar com diferentes autores, percebendo a criatividade, o prazer, as construções permanentes dos alunos, em suas curiosidades e descobertas, na percepção do ser/sujeito e do ser/agente neste universo de novas leituras e releituras. A partir de tais constatações, torna-se relevante o descobrir de parcerias, envolvidas no crescimento coletivo, solidário e humano.

De acordo com Paulo Freire e as leituras de mundo que o mesmo propõe, devemos considerar que ensinar exige comprometimento:

...que uma das minhas preocupações centrais deva ser de procurar aproximação cada vez maior entre o que digo e o que faço, entre o que pareço ser e o que realmente estou sendo...Saber que não posso passar despercebido pelos alunos, e que a maneira como me percebam me ajuda ou desajuda no cumprimento de minha tarefa de professor, aumenta em mim os cuidados com meu desempenho...A percepção que o aluno tem de mim não resulta exclusivamente de como atuo mas também de como aluno entende como atuo. Precisamos aprender a compreender a significação de um silêncio, ou de um sorriso ou de uma retirada da sala. (1996, p. 96 e 97)

Também o autor nos lembra que ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo:

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético em ensiná-los. É a decência com que eu faço... É o respeito jamais negado ao educando, a seu saber de experiência feito, que busco superar com ele. (1996, p.103)

É importante destacar a construção dos sujeitos, neste contextualizar com o ambiente escolar, especificamente na sala de aula, e com a comunidade. São através de estudos

complexos sobre o dia-a-dia desses agentes do processo educativo que percebemos efetivas ações e transformações da realidade.

Segundo Verónica Edwards:

...a consideração do sujeito como um sujeito cotidiano: é no conjunto de atividades que constituem seu pequeno mundo que este concretamente se expressa e se constitui como tal, através de uma série de atividades que ao mesmo tempo são constitutivas (embora não exclusivas) deste mundo...e é no dia-a-dia da escola, e mais concretamente em classe, que o sujeito educativo se expressa em todas as suas dimensões. (2003, p. 13)

Assim, podemos desenvolver propostas e atividades, que tragam significados não somente para o momento em que se concretizam, mas para todo o processo contínuo de aprendizagem dentro e fora da escola.

Para o Sociólogo Florestan Fernandes quanto ao dia-a-dia escolar:

... se preocupou em criticar a prática em sala de aula, com ênfase em três pontos: a concepção do professor como mero transmissor de saber que, para ele, fragiliza o profissional da educação; a idéia de que o aluno é apenas receptor do conhecimento, quando o aprendizado deveria ser construído conjuntamente na escola; e o ensino discriminatório, que trata o aluno pobre como cidadão de segunda classe. ... a educação deveria ser, para os alunos, uma experiência transformadora que desenvolvesse a criatividade, dando condições de se libertar da opressão social. (Revista Nova Escola – especial – Grandes Pensadores, 2006, p. 54)

Visualizar os alunos em todas as suas etapas do conhecimento, na inserção e integração desses em um espaço que oportuniza as trocas no grande grupo, do lúdico como prática significativa, nos caminhos despertados pela criticidade, imaginação, e tendo como propostas o tema Educação Ambiental e suas múltiplas vertentes (sociobiodiversidade) é compreender além da educação tradicional, mecânica, e por tanto, fazer das ações educativas bem mais que programas ou conteúdos a serem vencidos e sim, defender a liberdade do pensamento reflexivo e modificador, prazeroso e instigante, no surgimento de novas expectativas e na esperança de novas realizações.

E ainda ressaltamos as análises de alguns autores, como de Henri Wallon (2004) ao retratar sua idéia do aluno integral, das emoções neste contexto educacional formador, da humanização na tarefa de educar. Com Freinet (1996) existe o reforço do pensamento de

como é relevante o equilíbrio entre teoria e prática, as vivências e o valorizar dessas, utilizando-as para novos entendimentos. Segundo tal autor a escola deve ser um ambiente democrático, e cabe aos educadores canalizar em reflexões e ações sob o contexto diário e educacional, trazendo com os conteúdos programáticos, diferentes ferramentas que forneçam subsídios para descobertas e que despertem o conhecimento, curiosidade e autonomia.

A autora Vânia Dohme (2003) defende em sua obra o prazer e alegria com elementos dessa dinâmica lúdica/significativa, em sua elaboração e prática, solidificando o criar, opinar, o trocar idéias em ritmo de cooperação entre os colegas, constituindo-se, portanto, o educando na trajetória permanente de autor de sua história.

Com a proposta fundamentada em pesquisa e atividades participantes – oficinas ecopedagógicas, construindo através das reflexões, vivências, sistematizações de práticas, sínteses do processo elaborado e também necessidades e possibilidades percebidas, constituímos o trabalho apresentado de forma que contemple a multiplicidade da temática Educação Ambiental, trabalhando com o lúdico e com os novos entendimentos que surgem dessas interações/mobilizações referentes ao processo contínuo, permanente de aprendizagem dos educandos.

Como declara Marco Mello:

... toda a produção significativa de conhecimento nasce a partir de uma práxis, que vai assinalando os avanços, os vazios, as deficiências dos esquemas conceituais precedentes e desafiando a construir imaginativamente e praxiologicamente o caminho rumo a uma nova ação transformadora da realidade.(2005, p. 12)

E ainda defende o mesmo autor:

Uma pesquisa da realidade exige aporte teórico, problematização, análise e interpretações da realidade e sobretudo a disposição e o compromisso com a transformação da realidade . . . E a pesquisa não pode ser vista como um fim em si mesmo, mas um meio para que se (re)organize o planejamento pedagógico, voltando-o aos interesses e necessidades dos educandos e da comunidade, a qual a escola pública deve atender – constituindo-se efetivamente como um - motor – de novas ações. (2005, p. 15 e 16)

Durante o processo permanente e contínuo da ação educativa, com constituições complexas de efetiva reflexão transformada em agir concreto, ao exercitar as trocas,

valorizando as opiniões / identidades e os significados que permeiam tais relações e descobertas, garantimos o compromisso com o coletivo e principalmente, ao trabalhar com a criatividade, autonomia, buscamos diferenciais à aprendizagem dos educandos, consolidando propostas ousadas, coerentes, envolvidas com as construções que se estabelecem no despertar de cada aluno.

Ao romper com obstáculos que surgem, utilizando práticas educativas para ultrapassá-los, no ir além da sala de aula, compreendendo melhor a realidade de cada educando, estamos aproximando professor/aluno/escola, e conseqüentemente, promovendo modificações nas relações sociais, tornando-as mais solidárias, refletindo e agindo em relação às dificuldades enfrentadas, não só de aprendizagem, mas em aspectos que impulsionem os alunos a entender-se como donos de sua própria trajetória, participantes essenciais na mudança das realidades, como agentes de cidadania.

DESENVOLVIMENTO DAS OFICINAS ECOPEDAGÓGICAS

Foram utilizados os seguintes instrumentos pedagógicos no desenvolver das atividades onde o lúdico foi uma constante como ferramenta de prazer e saber:

- História em quadrinhos, textos informativos, entre outros;
- Oralidade e Texto coletivo;
- Painéis sob temáticas relacionadas com Educação Ambiental;
- Pesquisa em jornais e revistas;
- Desenho, trabalhos manuais diversos, inclusive com sucata.

Assim o trabalho foi proposto com uma turma de 18 alunos(as) do 1º Ano de uma Escola³ Municipal de Ensino Fundamental na localidade da Vila da Quinta – Rio Grande, entre a faixa etária de 6 a 7 anos tendo sido realizadas as seguintes oficinas:

1ª OFICINA - TEXTO COLETIVO: APRENDENDO COM AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: Utilizamos dois textos (verbal e extra verbal) - histórias em quadrinhos⁴ - discutindo as temáticas apresentadas sobre a poluição e preservação do meio ambiente; assim como, questões de atitudes e de comprometimento em relação ao fato que todos somos

³ Esta escola será tratada ao longo deste estudo apenas por Escola Municipal de Ensino Fundamental.

⁴ Figuras 1 e 2 são Tiras em Quadrinhos retiradas do Site da Turma da Mônica.

agentes de transformação e após a troca de idéias, confeccionamos um painel, criando um texto coletivo.

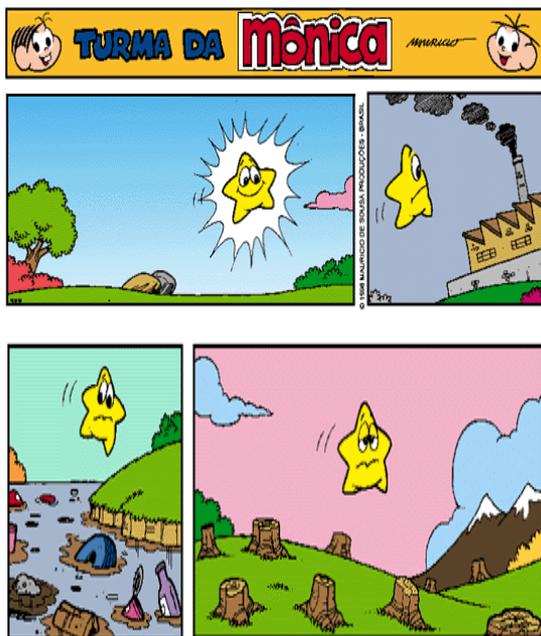


Figura 1



Figura 2

TEXTO COLETIVO

Apareceu uma fumaça, a estrelinha veio, a estrelinha ficou triste cortaram as árvores, jogaram na água o lixo, e a estrelinha ficou triste, triste, a estrelinha encontrou o rio todo sujo.

Ai a estrelinha ficou feliz com a Mônica que plantou a flor, e a estrelinha ficou feliz com a flor.

Figura 3⁵

⁵ 5- Figura 3 - Texto coletivo da turma de 1º Ano

2ª OFICINA - EDUCAÇÃO AMBIENTAL: A PRESERVAÇÃO DO MEIO AMBIENTE, CONTEXTUALIZANDO COM A REALIDADE ENFRENTADA EM RELAÇÃO AO ARROIO DAS CABEÇAS NA VILA DA QUINTA.

O tema foi escolhido por fazer parte do cotidiano dos alunos, muitos por morarem as margens do Arroio das Cabeças ou por vivenciarem todo esse contexto, sendo que a escola também se localiza em torno do referido arroio.

1ª ETAPA

- Apresentação de um painel com dicas sobre a preservação do planeta, havendo troca de idéias sobre a temática. Cada aluno recebeu uma folha com respectiva dica apresentada, para colorir (posteriormente, foi confeccionado um livrinho com os desenhos coloridos pelos alunos, para ficar a disposição na sala de aula).

Confeccionaram um painel com recortes de revistas e jornais, construindo um paralelo entre as imagens de poluição, destruição e as imagens de preservação e cuidados com o meio ambiente. Em cada construção desse painel coletivo, colocamos a mãozinha (feito o contorno e recorte da mesma) com o nome dos autores/alunos.

2ª ETAPA

- Troca de idéias sobre o Arroio das Cabeças, contextualizando com os alunos a problemática local;
- Demonstrar como podemos reutilizar materiais colocados no lixo ou diretamente na rua, rios, elaborando brinquedos, enfeites de sucata entre outros.

Confeccionamos um painel com as soluções apontadas pelos alunos (sobre destruição e preservação do meio ambiente), colando trabalhos feitos de sucata (importância em reciclar), sem esquecer de inserir as problemáticas locais.

Com tais ações, os educandos visualizam sob uma outra perspectiva, o aprender e as diferentes formas de construção e transformação do saber, e essa percepção contribui efetivamente no canalizar dos conhecimentos, das interações, na constituição de elos de confiança entre educador/educando, fluindo a teoria/prática, o descobrir e criar nas atividades escolares, no ir além do ambiente da sala de aula.

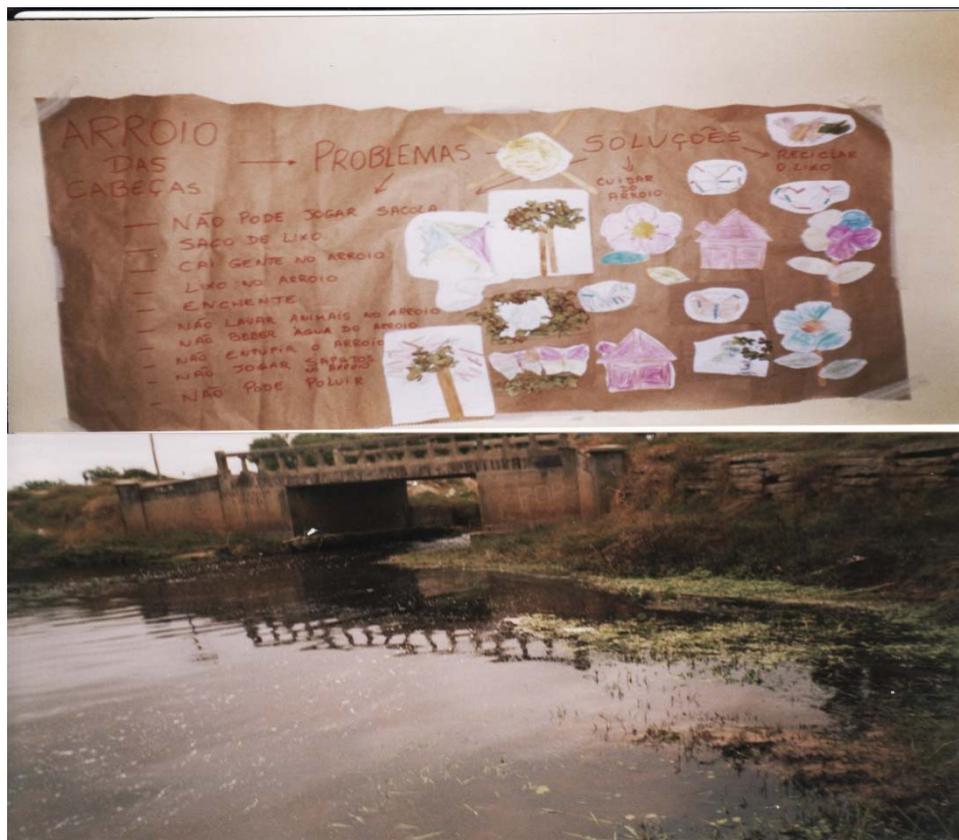


Figura 4⁶

CONSTRUINDO SIGNIFICADOS

A primeira etapa da oficina de Educação Ambiental tocou em temáticas importantes, com ênfase na perspectiva das problemáticas globais, valorizando os conceitos ou informações explanadas pelos alunos – poluição, destruição e preservação do meio ambiente – e demonstrou que os mesmos estão atentos a essas discussões, pelas respostas, imagens que procuraram ao pesquisar em revistas e jornais, pelo interesse em descobrir com as dicas, formas de fazer a sua parte em preservar, cuidar do planeta e da vida como um todo. Percebendo-se como agentes efetivos nas mudanças da realidade cotidiana, os educandos, expressaram de diferentes maneiras seu comprometimento com o hoje, com o mundo que desejam, tanto de forma individual como coletiva, como podemos perceber na seguinte afirmação de um aluno: - *Vou avisar todo mundo, não é mais para jogar sacola, lixo, tênis*

⁶ Figura 4 - Painel com problemas e soluções apontadas pelos alunos da turma de 1º, trabalhos manuais com sucata, e o Arroio das Cabeças.

velho no Arroio das Cabeças. Quando chove todo mundo perde tudo em casa e a água entra até na escola, a água também é suja.

É importante ressaltar que o lúdico foi uma alternativa de trabalho, tornando a aula espontânea, criativa, e as oficinas proporcionaram o valorizar das contribuições que surgiam, ao contextualizar as brincadeiras promovendo construções e aprendizagens significativas/substanciais na vida dos alunos, e assim a autora Ângela Meyer Borba no artigo - Brincar como modo de ser e estar no mundo, de acordo com Vygotsky:

Defende que nesse novo plano de pensamento, ação, expressão e comunicação, novos significados são elaborados, novos papéis sociais e ações sobre o mundo são desenhados, e novas regras e relações entre os objetos e os sujeitos, e desses entre si, são instituídas...e se por um lado a criança de fato reproduz e representa o mundo por meio das situações criadas nas atividades de brincadeiras, por outro lado tal reprodução não se faz passivamente, mas mediante um processo ativo de reinterpretação do mundo, que abre lugar para a invenção e a produção de novos significados, saberes e práticas.(VYGOTSKY apud BORBA, In: BRASIL, Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. 2006. a, p. 35 e 36)

No transcorrer da segunda etapa enfatizou-se mais as problemáticas locais, respectivamente abordando sobre o Arroio das Cabeças sua preservação, questões culturais, de comportamento em relação a esse contexto que atinge moradores, a escola e os próprios alunos. Ao utilizarmos diferentes materiais (nos trabalhos com sucata), percebemos que tais atividades não são comuns nas práticas de sala de aula, e principalmente o que mais chamou a atenção, foi o comprometimento/envolvimento com as oficinas e com a temática abordada. Enfim, as práticas estiveram voltadas às construções pessoais e do grupo, com o sentido amplo e integrado, mesclando prazer e conhecimento.

Essa etapa também estimulou os alunos a terem atitudes e ações que transcenderam os muros da escola, levando esses significados construídos para seu cotidiano, como nas palavras da aluna: - *Eu já disse para o pai não botar água fora, com a mangueira. O carro a gente lava de balde, gasta menos água e sobra pra todo mundo.*

Outros alunos reforçaram os depoimentos, como esse: - *E água correndo da pia na cozinha também gasta. Falei pra mãe, ela disse que eu tô me achando. Eu respondi que eu quero é que a água não acabe, e que a gente tem que colaborar todo dia em casa mesmo.*

Ainda uma aluna resalta o problema de jogar lixo em qualquer lugar: - *eu vivo falando na aula para jogar o papel no lixo e não no chão, agora a turma tá colaborando, é bom ter tudo limpinho. Mas na rua muita gente joga lixo, era bom as pessoas pensar nisso.*

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De forma a trabalhar com as totalidades educativas, perfazendo a construção permanente do conhecimento integrado e de acordo com a especificidade da Turma de 1º Ano da referida Escola Municipal de Ensino Fundamental na localidade da Vila da Quinta/ Rio Grande, a temática Educação Ambiental foi desenvolvida pelos recursos anteriormente citados na metodologia, exercendo através de atividades com abordagem sobre o meio ambiente e suas interações, atitudes, valores e culturas, a percepção do educando como agente de transformações.

Ao problematizar sobre o papel que cada ser humano desempenha na luta diária para transformações que viabilizem mudanças efetivas e solidárias, segundo Paulo Freire na obra *Pedagogia do Oprimido* sobre *ser* e o *estar sendo* neste contextualizar com o mundo significa:

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é pronunciar o mundo, é modificá-lo [...] Não é no silêncio que os homens se fazem, mas nas palavras, no trabalho, na ação-reflexão. Mas, se dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu[...] Se é dizendo a palavra com que, pronunciando o mundo, os homens o transformam, o diálogo se impõe como caminho pelo qual os homens ganham significação enquanto homens.(1987, p.78 e 79).

Com as ações realizadas, otimizando as dinâmicas que trataram da Educação Ambiental nas Oficinas Ecopedagógicas, ao expressar a consciência ambiental que se constitui nas mudanças profundas e permanentes de comportamento pessoal, atitudes e valores de cidadania, percebemos o educando e suas novas perspectivas em contínua jornada de aprendizagem, contemplando canalizações que promovem autonomia, trocas coletivas, criatividade, prazer, emancipação, que desafia o educando/educador a mobilizar-se pela alegria, conhecimento, cidadania, e assim transpor o ambiente sala de aula, permeando cada caminho com liberdade, criticidade e solidariedade.

E Freire também nos fala da alegria e da esperança, no ensinar e no aprender, nas trocas coletivas, e nos significados com origem em tais práticas:

Há uma relação entre a alegria necessária à atividade educativa e a esperança. A esperança de que o professor e aluno juntos podem aprender, ensinar inquietar-se, produzir e juntos igualmente resistir aos obstáculos a nossa alegria ... A atividade docente de que a discente não se separa é uma experiência alegre por natureza. É falso também tomar com inconciliáveis seriedade docente e alegria, como se alegria fosse inimiga da rigidez. Pelo contrário, quanto mais metodicamente rigoroso me torno na minha busca e na minha docência, tanto mais alegre me sinto e esperançoso também. A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo de busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. O desrespeito à educação, aos educandos, aos educadores e às educadoras corrói ou deteriora em nós, de um lado, a sensibilidade ou a abertura ao bem querer da própria prática educativa, de outro, a alegria necessária ao que-fazer docente. É digna de nota a capacidade que tem a experiência pedagógica para despertar, estimular e desenvolver em nós o gosto de querer bem e o gosto da alegria sem a qual a prática educativa perde o sentido.(1996, p. 72 e 142).

Dentre os vários objetivos da proposta apresentada destacamos as construções estabelecidas ao socializar as opiniões dos educandos, valorizando-as no grupo, assim como, as diversas interpretações e leituras desenvolvidas por cada um, utilizando-as para novas perspectivas e entendimentos, promovendo através das atividades realizadas uma aprendizagem significativa, substancial e transformadora, onde o aluno perceber-se como sujeito/agente, tanto em sua própria história, como na história coletiva.

O nosso papel como educadoras foi de mediar as informações, as novas leituras e percepções em construções significativas para o processo educativo.

Propor dinâmicas como as oficinas lúdico-pedagógicas conectadas a temática Educação Ambiental possibilita alternativas quanto às atividades em sala de aula, e principalmente, enfatiza o papel do educando como sujeito/cidadão que age de forma efetiva e concreta no transformar de realidades.

Ao focar a temática ambiental, trabalhando conjuntamente, as oficinas pedagógicas, na busca de sensibilizar nosso olhar, tanto do educando, como do educador, contextualizando com a sociobiodiversidade, e nos aproximando desse cotidiano, ou seja, elaborando e exercendo nas propostas educativas diárias, pontes entre o conhecer, aprender e brincar (o que constitui significados essenciais ao processo de aprendizagem como instrumento pedagógico/socializador), e assim, envolvendo o educando, que participa, age e transforma, não nos limitamos ao espaço/aula e principalmente, promovemos as trocas coletivas, a integração e inserção das diferentes leituras de mundo, de questões urgentes e essenciais, para nossa constituição como ser humano no presente.

Finalizando temos a autora Isabel C. M. de Carvalho (2004) que expressa perfeitamente o que buscamos como educadoras e cidadãs... *Educar é ser mediador, tradutor de mundos. ...Sempre envolvido na tarefa reflexiva que implica provocar outras leituras da vida, novas compreensões e versões possíveis sobre o mundo e sobre nossa ação no mundo.*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Ministério da Educação. Ensino fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Departamento de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Brasília: FNDE, Estação Gráfica, 2006.

CANDAU, V. M., ZENAIDE, M. N. T. Oficinas Aprendendo e Ensinando Direitos Humanos, João Pessoa: Programa Nacional de Direitos Humanos; Secretaria da Segurança Pública do Estado da Paraíba; Conselho Estadual da Defesa dos Direitos do Homem e do Cidadão, 1999.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Educação Ambiental: A formação do Sujeito Ecológico, Editora Cortez, 2004.

DEWEY, John. O pensador que levou a prática para a escola. In: Revista Nova Escola – Grandes Pensadores, Vol.1, São Paulo, Ed. Abril – dezembro/2004.

DOHME, Vânia. Atividades lúdicas na educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado – Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

EDWARDS, Verónica – Os Sujeitos no universo da escola: Um estudo etnográfico no Ensino Primário – Tradução: Josely Vianna Baptista – Editora Ática – São Paulo, 2003.

FERNANDES, Florestan – Revista Nova Escola – Especial- Grandes Pensadores, Editora Abril, 2006.

FREINET, Célestin . Confira em seu centenário, o grande educador continua vivo na sala de aula. In:Revista Nova Escola – São Paulo, Ed. Abril – maio/1996.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido, 17ª edição, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, P. Professora sim, tia não. 9ª ed. São Paulo, SP: Olho d'Água, 1998.

GRACIANI, Maria Stela S. Pedagogia social de rua . São Paulo : Cortez, 1997.

MELLO, Marco – Pesquisa Participante e Educação Popular: Da Intenção ao Gesto – Porto Alegre: Editora Ísis; Diálogo-Pesquisa e Assessoria em Educação Popular; Ippoa - Instituto Popular Porto Alegre, 2005.

WALLON, Henri. O educador Integral. In: Revista Nova Escola – Grandes Pensadores, Vol.1, São Paulo, Ed. Abril – dezembro/2004.

Disponível em Portal da Mônica: <<http://www.monica.com.br>
Acesso em: 16 maio de 2007.